



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
CAMPUS DE ARIQUEMES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED

ELIETE CORDEIRO DE AMORIM

ALFABETIZAÇÃO CONSTRUTIVISTA: UM ESTUDO REALIZADO COM
PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
ARIQUEMES-RONDÔNIA

ELIETE CORDEIRO DE AMORIM

**ALFABETIZAÇÃO CONSTRUTIVISTA: UM ESTUDO REALIZADO COM
PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
ARIQUEMES-RONDÔNIA**

Monografia apresentada como o trabalho final para
obtenção de grau em Licenciatura plena em
Pedagogia – Habilitação para Educação Infantil,
Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão
Escolar, do Departamento de Ciências em
Educação da UNIR-Universidade Federal de
Rondônia.

Orientadora: Prof^a. Esp. Márcia Ângela Patrícia.

Ariquemes – RO
2014

Dados de publicação internacional na publicação (CIP)

Biblioteca setorial 06/UNIR

A 524a

Amorim, Eliete Cordeiro de.

Alfabetização construtivista: um estudo realizado com professoras alfabetizadoras de uma escola pública de Ariquemes - Rondônia. / Eliete Cordeiro de Amorim. Ariquemes-RO, 2014. 53 f.

Orientador (a): Prof.(a) Esp. Márcia Angela Patrícia.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento de Ciências da Educação, Ariquemes, 2014.

1. Alfabetização construtiva. 2. Construtivismo - Métodos. 3. Práticas pedagógicas. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 37.01

Bibliotecária Responsável: Danielle Brito Silva, CRB: 11-766.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007

Av. Tancredo Neves, 3650 - Centro, Ariquemes-RO / Cep: 78.873-048
Fone/Fax: (69) 3626-1843 E-mail: unipercentral@unir.br

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED

ELIETE CORDEIRO DE AMORIM

**ALFABETIZAÇÃO CONSTRUTIVA: UM ESTUDO REALIZADO COM
PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA
DE ARIQUEMES-RONDÔNIA.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Banca Examinadora

Prof.^a Esp. Mônica Angela Patrícia – DECED/UNIR

Membro: Prof. Ms. Hugo Atlântidas Fotopoules – DECED/UNIR

Membro: Prof.^a Ms. Maria Auxiliadora Máximo – DECED/UNIR

Ariquemes-RO, 31 de Julho de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que de forma impulsora me auxiliaram na elaboração e desenvolvimento deste trabalho. Em especial aos meus pais que me auxiliaram nesta trajetória e aos colegas que participaram juntos dessa trajetória.

A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, benção e proteção que tem me dado até este momento, agradeço também muito a meus pais, Irene e José pelo apoio em todos os momentos da minha vida e por ter incentivado sempre os meus estudos, ao meu esposo Elias pela força, compreensão e companheirismo durante toda a jornada de estudo até este momento.

Aos meus amigos, por acreditarem que tudo é possível e saberem manter sempre o bom humor e também pela parceria e compreensão durante os oito períodos de estudo.

Aos professores, que sem medirem esforços esclareceram muitas dúvidas e que possibilitaram a realização deste trabalho, em especial a Professora Márcia Ângela Patrícia pela paciência e dedicação nas orientações para conclusão deste trabalho.

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor”. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor.

(Rubens Alves).

R E S U M O

Este trabalho teve como objetivo investigar como se dá o processo de alfabetização e o desenvolvimento da aprendizagem a partir da teoria construtivista. Para que isso acontecesse foi realizada pesquisa bibliográfica, a partir das autoras: Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Luzia Bom Tempo dentre outros. Estas autoras elucidam que na teoria construtivista, o aluno é sujeito na construção do conhecimento, isto se dá através de um processo de elaboração de situações didático-pedagógicas que facilitem a aprendizagem e favoreçam a construção de relações significativas entre componentes de um universo simbólico e o objeto em estudo. Realizou-se ainda uma pesquisa de campo, tendo como instrumentos de coleta de dados a entrevista através de questionário semiestruturado e observação, que aconteceu em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental. Os sujeitos da pesquisa foram o diretor, coordenadora pedagógica, pais e professora, de uma escola pública municipal de Ariquemes-RO, com o objetivo de responder ao seguinte questionamento: como acontece a alfabetização construtivista em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental? Os resultados apontam que há resistência por parte da comunidade externa ao método construtivista, no entanto, foi evidenciado que o professor necessita estar amparado com conhecimentos teóricos metodológicos sobre o construtivismo para poder aplicar a psicogênese da língua escrita na alfabetização, realizar os diagnósticos que se pede nesse modelo e principalmente saber fazer as intervenções para que o aluno avance de um nível para outro.

Palavras-chave: Construtivismo. Alfabetização. Letramento. Prática Pedagógica.

A B S T R A C T

This study aimed to investigate how the process of the development of literacy and learning from the constructivist theory. For that to happen literature search was conducted from the authors: Emilia Ferreiro, Ana Lucia and Teberosky Good Time among others. These authors elucidate that the constructivist theory, the student is subject in the construction of knowledge, this occurs through a process of elaboration of didactic and pedagogical situations that facilitate learning and promote building meaningful relationships between components of a symbolic universe and the object under study. Also held a research field, with the instruments of data collection through semi-structured interview questionnaire and observation, which happened in a class of 3rd year of elementary school. The research subjects were the director, educational coordinator, parents and teacher of a public school of Porto Velho, RO, aiming to answer the following question: how does the constructivist literacy in a class of 3rd grade of elementary school? The results show that there is resistance from the community to the constructivist approach, however, it was evident that teachers need to be supported with theoretical and methodological knowledge of constructivism in order to apply the psychogenesis of written language literacy, perform diagnostics that are asked in this model and especially know how to make interventions for the student to advance from one level to another.

Key-words: Constructivism , Literacy, Literacy, Pedagogical, Practices

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ALFABETIZAÇÃO CONSTRUTIVISTA	10
2.1 Os avanços do construtivismo	10
2.2 Contribuições teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky	15
2.3 Alfabetização construtivista	18
2.4 Buscando recursos para uma melhor aprendizagem	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1 Caracterização da escola pesquisada	25
3.2 Características socioculturais da comunidade	26
3.3 Características socioculturais da comunidade escolar.....	27
3.4 Características socioculturais da comunidade envolvente.....	29
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
4.1 Análise socioeconômica e cultural da comunidade escolar e envolvente	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	48
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA (Diretor).....	49
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (coordenador)	50
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA (Professor)	51

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação originou-se da necessidade de cumprir um requisito acadêmico no curso de Pedagogia com ênfase nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e tem como objetivo, em uma Escola Pública de Ariquemes.

Este estudo analisa dentro de princípios construtivista a forma de alfabetizar enfatizando o letramento e defendendo como fundamentos relevantes: os valores culturais interiorizados pelos membros da comunidade para dar início no processo de alfabetização, formação dos professores e o domínio teórico e prático construtivista.

O interesse de pesquisar sobre a alfabetização construtivista veio a partir da experiência vivenciada durante o estágio em alfabetização, e também por meio de leituras a respeito da influência que se tem de trabalhar o construtivismo na sala de aula, a partir disso, pude perceber que alguns professores de alfabetização tem grandes dificuldades de identificar os diferentes níveis que a criança passa durante o processo de alfabetização e letramento, ou seja, é fundamental que o professor conheça e saiba diferenciar os níveis que cada criança se encontra para que, possam desenvolver o processo de ensino-aprendizagem com êxito, visando com isso, o desenvolvimento da aprendizagem por meio da interação com o meio e a construção do seu conhecimento a partir daquilo que já conhece.

Assim, esta monografia está estruturada da seguinte forma: seção um, compreende a presente introdução; seção dois; discorre sobre os avanços dos estudos sobre o construtivismo, sua origem e seu precursor, Jean Piaget, e ainda aborda a alfabetização a partir dos estudos da psicogênese da língua escrita.

Na seção três, apresenta-se a metodologia da pesquisa, de forma a esclarecer o passo a passo, bem como os instrumentos de coleta de dados e sujeitos envolvidos.

Na seção quatro é exposto a análise dos resultados da pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica.

2 Alfabetização construtivista

Nesta seção apresentar-se-á o construtivismo em seus aspectos histórico e teórico metodológico. Aborda-se o desenvolvimento dos estudos do precursor do construtivismo, Jean Piaget e, a partir desta perspectiva os estudos desenvolvidos por Emília Ferreira e Ana Teberosky que compreendem no que denominou de (1990). O que significa compreender como se dá a aprendizagem da leitura e da escrita, chegando a conclusão que a aquisição de conhecimentos depende tanto das estruturas cognitivas do sujeito como de sua relação com o ambiente.

2.1 Os avanços do construtivismo

Em 1985, o poder político no Brasil voltou às mãos dos civis; o militarismo se esgotava; as crises e a pressão aumentavam, e era hora de dar novos rumos à política educacional. A nova constituição foi promulgada em 1988 e sofreu influências do construtivismo, no que se refere à educação. Em 1996, a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional - 9394/96 – também segue as mesmas tendências. De acordo com as ideias principais do construtivismo são:

O aluno constrói o seu próprio conhecimento; é sujeito e não objeto da história; o conteúdo é um meio; a função principal da escola é formar cidadãos e transformar a sociedade pelo conhecimento, ou seja, para o construtivismo é através do processo de assimilação e acomodação que acontece o desenvolvimento do ser humano e a construção do conhecimento. Nesta concepção o conhecimento será construído quando algo novo apresentado ao indivíduo passa por processos de assimilação e acomodação, passando a fazer parte das estruturas cognitivas internas do aprendiz. Com isso, o conhecimento se constrói gradualmente.

Os principais pensadores do construtivismo são: Piaget, Emília Ferreira, Ana Teberosky e no Brasil uma grande divulgadora é Luzia Bom Tempo. No final do século XIX, no Brasil somente no século XX, o movimento educacional antes conhecido como Escola Nova, apresentava um caráter psicológico na pedagogia da existência, na qual as crianças eram sujeitos da educação (pedocentrismo: a criança no eixo do processo pedagógico) nela destaca-se a estimulação da própria atividade da criança, ocorre um esforço a fim de despertar a atenção e a curiosidade sem lhe cortar a espontaneidade.

O professor passou a ser visto como um facilitador da aprendizagem, antes decorado passou a ser correspondido e os jogos são utilizados como atraentes facilitadores da

aprendizagem e as competições foram substituídas pela cooperação e pela solidariedade, sendo assim a avaliação passa a assumir outra função, a de ser apenas uma das etapas da aprendizagem e não o seu centro (SAVIANI, 2003, p. 7 - 10)

Com avanço do Positivismo no século XIX, a pedagogia continuou a usar os métodos tradicionais; que por sua vez, utilizava textos clássicos como verdades eternas e a memorização como a única forma de aprendizagem, pois acreditava-se que o processo ensino aprendizagem só seria possível de acontecer por meio da decoreba, ou seja, por meio da clássica memorização de conteúdos que já vinham prontos.

No início do século XX, alguns educadores começaram a dar interpretações diferentes às obras de Rousseau e de Montessori. Que por sua vez, começou a pensar em uma escola alegre, dinâmica, onde o aluno não fosse objeto de ensino, com discussão, trabalho de grupo, escola laica e co-educativa.

Em 1932, houve o manifesto dos Pioneiros da educação nova. Em 1948 Clemente Mariani encaminhou ao Congresso Nacional um projeto de lei, que 13 anos mais tarde seria aprovado, sob o número 4024/61; era a nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa lei sofreu influências substanciais da Escola Nova, que já tinha deixado marcas superficiais nas leis orgânicas de Francisco Campos e de Gustavo Capanema, em 1930 e 1942, respectivamente. Segundo Filho (2004, p. 164).

A Escola Nova provocou grandes mudanças na educação brasileira. Deu vida à escola, abriu caminho para outras teorias e para novas práticas educacionais, mas foi interpretada por muitos professores como uma pedagogia não conteudista, ou seja, passaram a discutir coisas que foram prejudiciais ao ensino, às discussões giravam em torno de formar e informar; sobre a necessidade de pesquisar tudo; proibição das aulas expositivas; tudo teria que ser descoberto pelo aluno e com isso o professor já não explicava nada. O conteúdo foi ficando cada dia mais pobre, seria impossível para um aluno descobrir todo o desenvolvimento histórico, durante os anos de escolarização. Então com isso, a burguesia continuou a manter seus filhos nas escolas conteudista, que preparavam para as grandes universidades; os pobres por sua vez, recebiam um certificado de conclusão de curso, mas com pouco conhecimento.

Como se fosse por ironia, a escola para todos não beneficiou os grupos populares da elite, após as turbulências conjunturais, continuou seu caminho a passos firmes.

No Brasil a forma de ensinar é, centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos foi, e ainda é muito utilizada. Para ensinar a ler e a escrever destacavam-se exercícios de fixação, como leituras repetidas e cópias. Os alunos eram considerados um bloco único e homogêneo, não havendo qualquer preocupação com as diferenças individuais, ou seja, a preocupação não era estudar para saber, mas sim, estudar o que seria avaliado, pois

só eram valorizados os aspectos cognitivos a ponto de tornar um processo mecanicista que necessitava de artifícios como o prêmios e punições. Diante disso observa-se o quanto a visão sobre o papel do professor mudou, antes considerado um transmissor de conhecimentos, agora mediador da construção do conhecimento realizado pelos os alunos. Esta mudança não ocorreu de forma simples e rápida, ou seja, só foi possível de acontecer mediante os resultados de pesquisas e reflexões de muitos pensadores contemporâneos como o: Jean Piaget, Emília Ferreiro, Ana Teberosky entre outros onde com isso surge a teoria (LIBÂNEO, 2003, p. 23-24).

Segundo (AZENHA, 2000): A teoria construtivista se efetivou com base nos estudos de Jean Piaget, que tinha com o principal objetivo explicar a forma pela qual o homem atinge o conhecimento, o que distingue fundamentalmente das outras espécies.

Para Piaget(1981), a concepção construtivista incluiria a descrição e a explicação de como a inteligência que mesmo não sendo uma determinação por ocasião do nascimento é gradativamente elaborada pela necessidade lógica. Para explicar como o sujeito constrói o conhecimento, Piaget recorreu à psicologia com campo de pesquisa, elaborou a teoria psicogenética, na qual mostrou que a criança passa por mudanças qualitativas, denominada estágio de desenvolvimento são eles: Sensorio motor, Pré-operatório, Operatório-concreto e Lógico/Operatório formal.

Segundo Piaget, o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento, nem como um simples registro de percepções e de informações, para ele o conhecimento deve ocorrer por meio das consequências das ações e das interações do sujeito com objeto de conhecimento, seja ele do mundo físico ou do mundo psíquico e isso vai ocorrendo por meio de uma construção gradativa do conhecimento que se dá através de um ativo esforço do indivíduo para atribuir significado a sua interação com o objeto de estudo.

O processo de construção do conhecimento descrito por Piaget aponta o desenvolvimento na fase inicial com a formação de esquemas assimilativos que aos pouco se organizam em uma totalidade e dão origem às ações intencionais. Ele explica que a criança nos primeiros meses de vida suga por sugar, suga para se alimentar, agarra por agarrar, olha por olhar, suga qualquer objeto que toca seus lábios. Assim, essas ações vão formando os esquemas assimilativos (AZENHA, 2000, P. 28).

Para construir o conhecimento também é preciso que o objeto de estudo passe a fazer parte das estruturas cognitivas do aprendiz, além disso, deve-se passar também pelo processo

de acomodação no qual haverá um salto qualitativo ou novo conhecimento construído. Neste sentido, para explicar o processo de construção cognitiva no ser humano.

Piaget(1981), descreve os estágios qualitativos os quais denominou estágio de desenvolvimento. Para que esses avanços qualitativos aconteçam é necessário que haja uma mudança interior nos esquemas de assimilação que o indivíduo já possui.

Como por exemplo: uma criança que já possui um esquema assimilativo para o animal boi ao ver outro animal que tem traços de similaridade com o animal boi irá chamá-lo de boi. Se uma pessoa lhe disser que não é um boi e sim um cabrito, por exemplo, haverá um avanço quantitativo nos esquemas de assimilação da criança que passará a assimilar o animal porco, outro aspecto importante do desenvolvimento que vai acontecer é o processo de acomodação, através do qual dará um passo qualitativo no desenvolvimento cognitivo da criança, pois um novo esquema será feito para o animal cabrito que irá proporcionar um novo conhecimento no aprendiz.

Na perspectiva construtivista o ensino adquire uma nova conotação, aquela tradicional forma de ensinar, em que o professor é o dono do saber e o aluno um agente passivo, deixa de prevalecer. Na teoria construtivista, o aluno é sujeito na construção do conhecimento, isto se dá através de um processo de elaboração de situações didático-pedagógicas que facilitem a aprendizagem e favoreçam a construção de relações significativas entre componentes de um universo simbólico e o objeto em estudo.

O construtivismo não é um método afirma Sannys (2002), porém os desafios para que o aluno construa qualitativamente o seu conhecimento têm que ser reinventado a cada nova situação pelo professor. No sentido comum, a palavra método tem sido utilizada para designar um determinado jeito, mais ou menos regular ou repetitiva, de fazer algo. Os teóricos construtivistas não tem, em principio, como preocupação científica pensar no ensino, e sim na maneira em que vai ocorrer essa aprendizagem, de modo mais claro e preciso não está voltada a questão de como se deve ensinar e sim na questão de como o sujeito aprende. Portanto seria um equívoco pensar que nesta concepção o professor deixaria o aluno a vontade, pelo contrário é necessário que o professor consiga dominar a teoria que deseja trabalhar para que, de certo modo haja a mediação entre o educando e o objeto de estudo, mais para que esta mediação aconteça com êxito, se faz necessário planejar bem a maneira de executar este trabalho, através de objetivos claros, e não pensar que sendo o aluno que constrói o seu conhecimento o professor em si perde a sua responsabilidade, ao contrario é neste momento

em que o educador precisa dominar a teoria que sustenta a sua prática de ensino, porque como cita Freire (1996):

O professor que não leva a sério sua formação, que não estude que não se esforce para estar á altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.

Em resumo, a teoria construtivista tem sido mal interpretada por muitos professores, por falta de conhecimentos teóricos e práticos a respeito do assunto, tornou-se difícil a sua aplicação ao ensino, visto que se trata de uma teoria que explica como se dá a construção do conhecimento e não um método de ensino. Assim sendo:

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento." Entendemos que o construtivismo na educação poderá ser a forma teórica ampla que reúna as várias tendências atuais do pensamento educacional. Tendências que tem em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima em continuar essa forma particular de transmissão que é escola, que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida pelos alunos e professores, isto é, pela sociedade a próxima e, aos poucos, as distantes. A educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual ocorrem, em condição de complementaridade, por um lado, os alunos e professores, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído (BECKER, 2003, p. 66-67).

O construtivismo, como teoria do conhecimento, neste início de século, está sendo trabalhado, como já foi dito, em diversos países. Calcula-se que no mínimo um quarto da humanidade esteja fazendo uso dessa epistemologia na educação. Vejamos os princípios básicos que norteiam a pedagogia construtivista. Segundo Filho (2005, p.190):

Não se deve aceitar a visão de mundo imutável, tradicional, com valores perenes, memorização dos textos clássicos, com conhecimento pronto e acabado, sem visão de continuidade, onde o professor é mero repetidor e o educando é passivo; acredita-se que o ensino deva ajudar a provocar a transformação da sociedade; deve-se popularizar o conhecimento, que deve ser visto como processo; que a memorização não seja o processo mais importante; deve-se praticar a dialética e dialógica; a cidadania seja o exercício dos direitos e deveres, na plenitude; o professor deve ter autoridade, mais não ser autoritário.

Aprender generosamente significa não aprender com egoísmo, buscando a aquisição de conhecimento para vaidade pessoal ou para vangloriar-se em um amanhã de triunfos exteriores, esquecendo que muito do aprendido foi ensinado para evitar sofrimento e permitir a passagem pelos trechos difíceis no longo caminho da vida, diante desse contexto busca-se analisar como a criança aprende, como ela vivencia esse processo e como o professor deve ser o mediador da construção do conhecimento levando em conta as várias facetas envolvidas no processo ensino aprendizagem da escrita e da leitura.

2.2 Contribuições teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1990), compreendem que o conhecimento não está nem no sujeito e nem no objeto. Pelo contrário, dá-se pela interação ou pelas trocas do sujeito com objeto, onde ambos se transformam. Assim sendo, a aquisição de conhecimentos depende tanto das estruturas cognitivas do sujeito como de sua relação com o ambiente. Entretanto, vale ressaltar que o construtivismo é uma construção científica que procura extrair leis explicativas dos fenômenos, sem se preocupar com a aplicação prática. Por isso, não é certo afirmar que o construtivismo seja um método de ensino, já que esta teoria psicológica da aprendizagem volta-se para compreensão de como o sujeito aprende e não para a questão de como o professor deve ensinar.

A partir dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1990), a língua escrita deixa de ser encarada como mera apropriação de um código ou como meros atos de codificação e decodificação de palavras, sílabas e letras, passando a ser concebida como sistema de representação. Estes estudos evidenciam o caminho que as crianças percorrem no aprendizado da língua, definido por elas de psicogênese ou gênese (origem, geração) do conhecimento da escrita. Tais estudos foram baseados na epistemologia genética de Jean Piaget.

A Psicogênese da Língua Escrita é uma abordagem psicológica de como a criança se apropria da língua escrita e não um método de ensino. Portanto, cabe aos profissionais da educação, fazer a transposição desta abordagem para a sala de aula, transformando os estudos em atividades pedagógicas.

Segundo Magda Soares (2001, P. 92), a perspectiva construtivista trouxe diferentes e importantes contribuições para a alfabetização.

[...] Alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita, concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje

designados tradicionais, e passa a ser sujeito ativo capaz de progressivamente reconstruir esse sistema de representação, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material para ler, não com material artificialmente produzido para aprender a ler; os chamados para a aprendizagem pré-requisitos da escrita, que caracterizariam a criança pronta ou madura para ser alfabetizado – pressuposto dos métodos tradicionais de alfabetização – são negados por uma visão interacionista, que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto língua escrita; as dificuldades da criança, no processo de construção do sistema de representação que é a língua escritas – consideradas deficiências ou disfunções, na perspectiva dos métodos tradicionais – passam a ser vistas como erros construtivos, resultado de constantes reestruturações.

De acordo com a Psicogênese da Língua Escrita (1990), o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de correspondências grafo-fonêmicas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo no qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre a sua natureza e o seu funcionamento. Os pressupostos dessa abordagem psicológica são: a) O aprendizado do sistema de escrita alfabética não se reduz a um processo de associação entre grafemas (letras) e fonemas (sons); b) O sistema de escrita alfabética não é um código que se aprende por memorização e fixação, pelo contrário, é um objeto de conhecimento que foi construído socialmente.

A alfabetização na perspectiva construtivista é concebida como um processo de construção conceitual, contínuo, iniciado muito antes de a criança ir para escola, desenvolvendo-se simultaneamente dentro e fora da sala de aula. Alfabetizar é construir conhecimento. Portanto, para ensinar a ler e escrever faz-se necessário compreender que os alfabetizando terão que lidar com dois processos paralelos: as características do sistema de escrita e o uso funcional da linguagem.

[...] a criança procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e... Tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática. [...] ao tomar contato com os sistemas de escrita, a criança, através de processos mentais, praticamente reinventa esses sistemas, realizando um trabalho de compreensão da construção e de suas regras de produção/decodificação. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1990, p. 20).

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1990), as crianças elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, passando por diferentes hipóteses – espontâneas e provisórias – até se apropriar de toda a complexidade da língua escrita. Tais hipóteses, baseadas em

conhecimentos prévios, assimilações e generalizações, dependem das interações delas com seus pares e com os materiais escritos que circulam socialmente.

Para a Teoria da Psicogênese, toda criança passa por níveis estruturais da linguagem escrita até que se aproprie da complexidade do sistema alfabético. São eles: o pré-silábico, o silábico, que se divide em silábico-alfabético, e o alfabético. Tais níveis são caracterizados por esquemas conceituais que não são simples reproduções das informações recebidas do meio, ao contrário, são processos construtivos onde a criança leva em conta parte da informação recebida e introduz sempre algo subjetivo. É importante salientar que a passagem de um nível para o outro é gradual e depende muito das intervenções feitas pelo professor.

De acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1990) os níveis de escrita, segundo a Psicogênese da Língua Escrita são:

ESCRITA PRÉ-SILÁBICA: o/a alfabetizando/a não compreende a natureza do nosso sistema alfabético, no qual a grafia representa sons, e não ideias, como nos sistemas ideográficos (como, por exemplo, a escrita chinesa).

Nesta fase, ele/a representa a escrita através das seguintes hipóteses:

REPRESENTAÇÃO ICÔNICA: expressa seu pensamento através de desenhos, não tendo a noção de escrita no sentido propriamente dito. Escrever é a mesma coisa que desenhar.

REPRESENTAÇÃO NÃO ICÔNICA: Além do desenho, expressa seu pensamento através de garatuja ou rabiscos (representação não icônica); aqui, a criança inicia o conceito de escrita, mas ainda não reconhece as letras do alfabeto e seu valor sonoro.

LETRAS ALEATÓRIAS: já conhece algumas letras do alfabeto, mas as utiliza aleatoriamente, pois não faz nenhuma correspondência sonora entre a fala e a **escrita**. Para escrever é preciso muitas letras.

TOMATE = ARMSBD

CAVALO = AMTOEL

PÃO = ATROCDG

REALISMO NOMINAL: a criança acha que os nomes das pessoas e das coisas têm relação com os seus tamanhos.

Se perguntar a criança: qual a *palavra maior*: *BOI* ou *FORMIGUINHA*?

Ela dirá: *BOI* é uma *palavra GRANDE* e *FORMIGUINHA* uma *palavra PEQUENA*, atentando para o tamanho dos animais.

ESCRITA SILÁBICA: divide-se em escrita silábica e escrita silábico-alfabética.

Na **ESCRITA SILÁBICA**, a criança supõe que a escrita representa a fala. É a fase que se inicia o processo de fonetização; nesta fase, ela tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro as letras. Cada sílaba é representada por uma letra

com ou sem conotação sonora. Em frases pode escrever uma letra para cada palavra. Desvincula o objeto da palavra escrita.

- Escrita silábica sem valor sonoro: a criança escreve uma letra ou sinal gráfico para representar a sílaba, sem se preocupar com o valor sonoro correspondente.

T O M A T E = R T O

C A V A L O = B U T

P ã O = T U

- Escrita silábica com valor sonoro: a criança escreve uma letra para cada sílaba, utilizando letras que correspondem ao som da sílaba; às vezes usam só vogais e outras vezes, consoantes.

T O M A T E = T M T / O A E / T A T / O M E

C A V A L O = C V L / A A O / A V O / C A L

P ã O = P U / A O

Na **ESCRITA SILÁBICO-ALFABÉTICA** a criança apresenta uma escrita algumas vezes com sílabas completas e outras incompletas. Ou seja, ela alterna escrita silábica com escrita alfabética, pois omite algumas letras.

T O M A T E = T M A T

C A V A L O = C V A L U

P ã O = P A

O C A V A L O P I S O U N O T O M A T E = U C V A L U P Z O N U T M A T

ESCRITA ALFABÉTICA: a criança faz a correspondência entre fonemas (som) e grafemas (letras). Ela atinge a compreensão de que as letras se articulam para formar palavras. Escreve como fala, ou seja, vê a escrita como transcrição da fala, não enxergando as questões ortográficas.

Neste contexto buscou-se compreender melhor os diferentes estágios de aquisição da linguagem escrita que passam a criança, tendo em vista que o processo de alfabetização inclui muitos fatores. Considerando que é fundamental que o professor conheça como se dá o processo de conhecimento pelos alunos, ou seja, como se dá o seu desenvolvimento emocional e as suas relações sociais.

2.3 Alfabetização construtivista

Para uma proposta de alfabetização construtivista, há que se buscar subsídios nos estudos e pesquisas de Emília Ferreira e Ana Teberosky. Com base na teoria de Piaget, elas descrevem o processo pelo qual a criança aprende a ler e a escrever, e mostram que, para

aprender a língua escrita, a criança precisa construir respostas para duas questões: o que a escrita representa e como representa.

De acordo com Soares (1985) partindo de duplo significado que os verbos ler e escrever tem na língua portuguesa, define que a alfabetização é um processo de representação de fonemas e grafemas e vice-versa, mas também um processo de compreensão/expressão de significados através do código escrito.

Nesse processo, a criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala a sua volta. Buscando compreender melhor, ela se coloca problemas, busca regularidades, constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina, inventa, coloca a prova suas antecipações. Enfim, reinventa o sistema da escrita, e objeto social particularmente complexo. As pesquisadoras não querem dizer que a criança reinventa as letras, mas que, para poder se servir desses elementos como componentes de um sistema, deve compreender seu processo de construção e regras de produção.

Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. Essas escritas infantis têm sido consideradas, displicentemente, como garatuñas, “puro jogo”, o resultado de fazer como se soubesse escrever. Aprender a lê-las, isto é, a interpretá-las, é um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida. Se pensar que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistemático, e que a sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino, nada pode-se enxergar. Mas se pensar que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez se comece a aceitar que podem saber embora não tenha sido dada a elas a autorização institucional para tanto. Saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer necessariamente, saber algo socialmente aceito como “conhecimento”. “Saber” quer dizer ter construído alguma concepção que explica certo conjunto de fenômenos ou de objetos da realidade.

GARDNER (1993): afirma que uma forma de integrar os princípios construtivistas nas salas de aula é através da realização de projetos. Segundo esse autor, ao longo das aulas os alunos realizam milhares de testes e desenvolvem habilidades que muitas vezes se tornarão inúteis depois do último dia de aula.

Isto é fácil de dizer, mas difícil de aplicar coerente e sistematicamente na prática. A criança chega à escola com notável conhecimento da língua materna, um saber linguístico que utiliza inconscientemente, nos seus atos cotidianos de comunicação. No meio urbano, ela está

exposta à influência de uma série de ações que envolvem a escrita. Naturalmente, algumas crianças chegam à escola sabendo mais do que outras; suas conceituações possuem uma lógica interna que as torna explicáveis e compreensíveis do ponto de vista psicogenético, mas é necessário que o educador saiba perceber esses fatos.

Um professor que desenvolve o seu trabalho de acordo com essa teoria, não deve temer o erro nem o conhecimento. Deve, primeiramente, identificar o nível de apropriação linguística de cada aluno e, a partir daí, promover atividades ricas, prazerosas e desafiadoras que lhe oportunizem interagir com a linguagem escrita. O progresso no seu conhecimento é obtido por meio de um conflito cognitivo: o aluno realiza um esforço de acomodação que tende a modificar seus esquemas assimiladores e assim incorpora o que resultava inassimilável e constituía, para ele tecnicamente, uma perturbação, um desequilíbrio, segundo Sannys, (1997, p. 41).

Os teóricos do construtivismo constataam que o aluno é sujeito de sua inteligência em busca da compreensão do mundo que o rodeia, automaticamente estão dando uma grande “dica” aos educadores, e lançando também um grande desafio. É como se dissessem: “sejam o centro do processo de ensino; criem, junto com os alunos, os seus próprios caminhos; descubram alternativas pedagógicas em sala de aula”.

Em termos práticos, não se trata de, continuamente, colocar a criança em situações conflituosas dificilmente suportáveis, e sim, de procurar detectar quais são os momentos cruciais nos quais ela é sensível às perturbações e às suas próprias contradições, para ajudá-la a avançar no sentido de uma nova reestruturação. Não é qualquer atividade, porém que define a atividade intelectual, nem é qualquer conflito que se constitui em conflito cognitivo, permitindo um progresso no conhecimento. Um aluno intelectualmente ativo não é o que faz muitas coisas, nem tão pouco o que tem uma atividade observável. É, sim, aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipótese, reorganiza, em ação interiorizada ou em ação efetiva, segundo seu nível de desenvolvimento, o sujeito que, segundo Piaget, procura ativamente compreender o mundo que o cerca, buscando resolver as interrogações que este mundo lhe propõe. É o sujeito que aprende por suas próprias ações sobre os objetos e constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo.

Do ponto de vista construtivista, Ferreiro e Teberosky concluíram que a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendente regular, e que podem ser identificados três grandes períodos nos quais cabem múltiplas subdivisões:

Distinção entre o modo de representação icônico e não icônico; construção de formas de diferenciação, o controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativos e quantitativos; fonetização da escrita, que se inicia com período silábico e culmina no período alfabético. (BOM TEMPO, 2002, p. 66).

Muito antes de iniciar o processo formal de aprendizagem da leitura e escrita, as crianças constroem hipóteses sobre este objeto de conhecimento. Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1990), a grande maioria das crianças na faixa dos seis anos faz corretamente a distinção entre texto e desenho sabendo que o que se pode ler é aquilo que contém letras, embora algumas ainda persistam na hipótese de que tanto se podem ler as letras quanto os desenhos.

É preciso recolocar o ensino da leitura nos centros educacionais. Sabe-se que ler é mais do que interpretar signos que representam fonemas, ou compreender palavras que se referem a significados. Ler um texto implica ler o contexto, com dizia Freire (*Apud MACEDO 1989, p. 36*):

O que indica que a leitura não é um fato mecânico e isolado, mas que abre uma porta para um novo universo de possibilidades de intervir no mundo e transformá-lo. Ler implica compartilhar espaços, construir pensamentos e aumentar as aprendizagens e motivações educativas, e isso não é um processo individual, mas coletivo.

É oportuno lembrar que o construtivismo não é um método de ensino. Construtivismo refere-se ao processo de aprendizagem que coloca o sujeito da aprendizagem com o alguém que conhece; que o conhecimento é algo que se constrói pela ação deste sujeito. Neste processo de aprendizagem, o ambiente também exerce seu papel, pois o sujeito que conhece faz parte de um determinado ambiente cultural. Bom Tempo (2002, p.68) destaca que “é necessário que o professor venha disponibilizar de um número amplo de atividades e que estas venham ser de ordem sequencial, podendo ser trabalhadas em diferentes níveis do desenvolvimento da criança”.

Conforme citado pela autora nota-se que é importante o professor procurar fazer registro da própria prática, criando um documento da classe, para anotar as atividades realizadas em aula e comentar o desempenho dos alunos em sua evolução.

A criança aprende de forma fácil num ambiente inclusivo e amoroso, sem pressão, sem exigências autoritárias, e vai evoluindo dentro do seu interesse, no seu ritmo, influenciado por suas inteligências dominantes e em decorrência da qualidade e intensidade da interação com o idioma escrito. Uma informação é mais facilmente assimilada quando faz sentido para ela.

Trabalhar sob o enfoque construtivista é ensinar a pensar, a construir estruturas de pensamento bastante diferentes dos processos condutivistas, que enfatizam a memorização e o treino. Em vez de transmitir conhecimentos como receitas prontas, é preciso encorajar por si melhores formas de resolver os problemas que desafiam sua curiosidade e estimulam a sua reflexão, “ou seja, é preciso ter coragem de ousar romper com o imobilismo lamurioso e acusatório de um grande número de profissionais do ensino e buscar novos caminhos para o resultado da educação em nosso país e fazer com que através dessa busca o processo de ensino aprendizagem seja de qualidade(BOM TEMPO, 2002, P. 14)”.

Diante dessa concepção, o professor precisa garantir a participação de todos os educandos no processo de construção do conhecimento, não é deixando o educando sozinho, esperando que ele por si só possa desenvolver seus conhecimentos de forma espontânea, é preciso nortear seu trabalho com uma metodologia que garanta o desenvolvimento dos alunos.

Nesta perspectiva o educador não deposita o conhecimento na cabeça do educando, como na educação bancária. É preciso provocar, dispor e interagir com educando neste processo de construção. Provocar é colocar o pensamento do aluno em movimento, sensibilizá-los para mobilização e tornar o conteúdo que está sendo passado importante para o aluno. Uma boa estratégia é aproveitar os conhecimentos prévios e reais do aluno de forma que este aprendizado se torna prazeroso para os educandos em si.

2.4 Buscando recursos para uma melhor aprendizagem

Trabalhando com classes populares, às vezes com poucos recursos materiais, o meio físico e social em que se vive, oferece ao educador uma riqueza enorme de opções, fortes aliados no ato de educar, em especial na fase inicial da escolarização. Assim os rótulos e as embalagens comerciais, entram na sala de aula e superam materiais sofisticados transformando-se em portadores especiais de textos, com os quais as crianças interagem naturalmente. Materiais de fácil acesso, que os próprios alunos podem ajudar a conseguir, em qualquer parte.

Destaca-se que tais materiais favoreçam a alfabetização num processo lúdico, transformando a sala de aula num ambiente estimulador da aprendizagem, com entusiasmo, alegria e significado para os alunos. São materiais ricos em informações que, aliadas a criatividade do educador, possibilitam inúmeras atividades, variam leituras, comparando, distinguindo cores, formas, letras, compreendendo a origem e as utilidades de seus conteúdos; experimentando-os enfim, interagindo com o mundo da escrita.

Piaget (1981), em seus estudos deixa claro, a importância da forma de representação que as crianças utilizam nas suas interações com o mundo, por isso, as crianças devem ser respeitadas nos seus modos de falar, brincar simbolicamente e imaginar. Outro exemplo claro que auxilia em muito no aprendizado da criança refere-se ao momento em que com os pais as mesmas vão ao supermercado, pega os produtos em suas embalagens, sente-lhe a textura, o peso, o cheiro visualiza as cores e experimenta-lhes o sabor, quando se trata de alimentos, sucos ou outra bebida, sente o perfume dos materiais de limpeza ou de higiene pessoal, comuns no seu dia-a-dia. Assim, a criança começa interagir bem pequena já faz uma leitura complexa dos objetos e das suas características.

Um fator indispensável para o bom desempenho das atividades é o compromisso do educador com o crescimento de cada aluno que recebe sua afetividade, sua competência profissional e seu interesse em fazer com que todos os seus alunos aprendam e se desenvolvam são aspectos que favorecem na superação da carência de material mais elaborado na sala de aula, além de outras carências mais complexas.

Bom Tempo (2002, p.71) ainda destaca que:

Cabe ao professor criar situações agradáveis e desafiadoras na utilização de materiais familiares aos alunos, colocando-os em contato com o mundo da escrita. O trabalho com rótulos e embalagens, combinado com o prazer de aprender com significado, possibilita grandes progressos na aprendizagem.

Diante deste contexto, fica claro que não se devem limitar as atividades somente na utilização desses materiais, ou seja, é necessário utilizar-se da riqueza e da variedade de outros materiais, a fim de criar desafios e estímulos propícios à construção de conhecimentos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos por meio da pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica de acordo com Severino (2002) tem como objetivo unir as propostas em torno das discussões atualizando os conhecimentos teóricos e aqueles adquiridos com a leitura crítica-analítica. Parte-se da delimitação para a técnica de leitura orientada, a leitura de um texto quando feito para fins de um estudo deve ser feito por etapas, ou seja, apenas terminadas a análise de uma unidade.

Assim, a pesquisa bibliográfica foi concebida de forma direta e indireta, através de levantamentos de teóricos em livros, revistas, teses e pela internet. Após o levantamento bibliográfico das literaturas referente ao tema, procedeu-se à seleção dos teóricos com aplicação da técnica de leitura analítica em todas as suas vertentes. As pesquisas através dessas fontes certamente contribuíram significativamente para a identificação do tema pesquisado.

Já a pesquisa de campo seguiu um processo indutivo na análise de dados, de fatos particulares e gerais de forma análoga. Sendo que esta aconteceu através da observação do ambiente, aplicação de questionários semi-estruturados junto aos professores e a equipe pedagógica, pertencentes à Escola Municipal de Ensino Fundamental Aldemir Lima Cantanhede, após coletados os dados e tabulados foi constituída a base sobre a qual se alicerçou esta pesquisa, e, portanto, as informações coletadas durante a pesquisa será de suma importância para angariar o maior número possível de informações analisando-as sistematicamente. Isso se explica porque o intuito desta pesquisa é realizar uma análise qualitativa e não quantitativa, quer dizer, importa mais analisar o conteúdo dos argumentos que se sobressaem do que o número de vezes que eles aparecem. Portanto, o método de análise de conteúdo é composto de três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, a dedução e a interpretação.

Para que fosse possível fazer a coleta de dados no primeiro momento foram realizadas pesquisas de artigos, monografia que tratasse do tema pesquisado, no segundo momento foi realizada a pesquisa bibliográfica com diversos autores que falam sobre o assunto pesquisado e por ultimo foi realizado a pesquisa de campo com professor, coordenador e a diretora da escola, no primeiro momento entrevistei uma professora do 3º ano, no segundo momento entrevistei a coordenadora da escola, no terceiro momento entrevistei a diretora da escola e por ultimo foi realizado a observação em sala de aula, já a participação dos pais para realização da pesquisa de campo foi mediante questionários que os mesmos levaram para a

casa para que fosse possível diagnosticar o conhecimento que os mesmos têm sobre a alfabetização construtivista, sendo que estes resultados da participação dos pais na pesquisa, foram obtidos pelo Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada.

3.1 Caracterização da escola pesquisada

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Aldemir Lima Cantanhede, está localizada no Bairro Marechal Rondon (saída para Jarú, na BR 364) à Rua Artur Mangabeira nº 2520, está em funcionamento desde 1970, antes denominada Escola Francisco Castelo Branco e em 1989 passou-se a chamar Aldemir Lima Cantanhede em homenagem ao Seringueiro Aldemir Lima Cantanhede. A escola localiza-se num bairro histórico, ou seja, onde a cidade teve seu início, os moradores mantêm uma cultura tradicional, preservando suas origens.

A escola surgiu da necessidade de transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade, onde no decorrer do tempo, foi assumindo um papel mais amplo, estendendo-se a educação de valores e até ao “assistencialismo”. Os saberes repassados pela escola, muitas vezes, atendem as políticas públicas, uma ideologia de governo e na atualidade, tem-se a concepção de que a instituição escolar deve informar e formar o aluno, o que acaba interferindo na qualidade de ensino, devido as suas múltiplas responsabilidades. Diante da real situação, vemos que não existe escola para todos, pois não consegue atender as diferenças, trabalhando somente com a igualdade. Assim, desigualdade é ignorada, o que acaba gerando a exclusão.

Nas questões emergentes da sociedade, muitas vezes a escola responde ora de forma alheia, se omitindo e às vezes, de forma alienada, não assumindo posições, o que acaba dando razão para não solução dos problemas. Para que melhor possa atender a formação dos alunos, a escola deve assumir a função de formar o cidadão completo: afetivo, emocional, social e cognitivo. Se for levado em conta somente o conhecimento pelo conhecimento, não estarão sendo dada a devida importância as necessidades contemporâneas. Assim, entenderemos que o grande desafio da escola para o próximo milênio é o de acolher, oferecer e proporcionar todo tipo de condição para que quem nela entre, sinta prazer e possa nela permanecer.

A escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Aldemir Lima Cantanhede possui atualmente um quadro de funcionários atuantes nas funções de professores, agentes de apoio administrativo e monitores do programa Mais Educação, totalizando 63 funcionários, 23 docentes e 08 monitores que atuam nas variadas disciplinas do currículo do ensino

fundamental. Quanto aos funcionários a faixa etária é bem variada e concentram-se entre 22 a 60 anos, a maioria dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais, são graduados e pós-graduados. Os funcionários da área administrativa (prestador de contas, vigias, zeladoras e merendeiras, secretária e auxiliar de secretária) têm o ensino fundamental completo e incompleto, alguns cursando nível superior; os monitores alguns estão cursando nível superior, outros o ensino fundamental. Os servidores residem em locais variados, à grande maioria reside em bairros distantes da escola, alguns na área rural e se utilizam de meios de transporte próprio ou ônibus escolar para vir à escola exercer seus trabalhos, sendo remunerados conforme a legislação vigente. Os professores são capacitados por cursos em várias áreas de conhecimento oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), tais como: Além das letras, Além dos números e Gestar formação continuada para atuarem em sala de aula conforme nova proposta de Educação religiosa. São na maioria professores motivados, competentes e preocupados com a aprendizagem dos alunos, buscam sempre inovar seus planejamentos da melhor forma possível.

Trabalham em harmonia, trocam melhorias com a equipe pedagógicas, participam de eventos com motivação, a fim de ver o bom nome da escola. Em suas dependências a escola possui: 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala de recurso, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 sala de orientação educacional, 1 biblioteca, 1 sala de informática, 11 salas de aula, 1 almoxarifado, 1 despensa, 1 recreio coberto, 1 quadra de esporte descoberta, 1 quadra de esportes coberta, 1 circulação interna, 1 cozinha, 1 área de serviço, 4 sanitários dos funcionários, 08 sanitários dos alunos, 02 vestiários dos alunos, 02 sanitários dos alunos portadores de necessidades especiais, sendo que, as 11 salas de aula citadas acima são amplas porém só dez são climatizadas e uma com ventiladores e iluminação precária; porém as outras dependência da escola necessitam de melhorias, para que possa melhor comporta os alunos e demais funcionários. Os resultados obtidos acima foram coletados do PPP da escola pesquisada.

3.2 Características socioculturais da comunidade

As características gerais e reais da comunidade dos alunos dessa escola não coincidem com as que são apontadas nos livros didáticos, pois nestes se abordam temas voltados para uma realidade em que as famílias são bem estruturadas, com pais unidos e bem sucedidos, crianças bem alimentadas e uma sociedade que se diz justa. A realidade da escola em relação à comunidade consiste nos seguintes aspectos:

- Há um grande número de alunos que vem de família em que os pais são separados, convivendo apenas com avós, tios (as) ou responsáveis;
- Boa parte das famílias dos alunos dessa escola é constituída de pessoas humildes, de poucos conhecimentos e que possuem bastantes dificuldades financeiras;
- Os alunos, principalmente adolescentes e jovens, possuem poucas perspectivas para vida;
- Não tem acesso ao saber universalizado, convivendo com estruturas mínimas de acesso ao conhecimento fora da escola;
- A maior parte desta comunidade pertence à classe média-baixa, oriundos e boa parte, da zona rural;
- Poucas são opção de lazer;
- Têm problemas de saúde frequentes, muitas vezes, ocasionadas pela ausência de uma alimentação adequada.

Faz-se necessário aqui, justificar que a fonte consultada foi o Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada, onde o mesmo se encontra em processo de construção.

3.3 Características socioculturais da comunidade escolar

Os dados abaixo apresentados também foram extraídos do Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aldemir Lima Cantanhede, sendo que este projeto ainda está em fase de conclusão.

A comunidade escolar é caracterizada, em sua maioria, por famílias advindas da classe médio-baixa e baixa, cuja renda oscila de um a dois salários mínimos, residindo boa parte na zona rural onde, cerca de 60% são das linhas: BR 421; Linha C 55 e desvio da BR 421; travessão B 40 e Linha C 55 e BR 364 sentido Porto-Velho, somando um total de sete linhas rurais. Sendo assim, boa parte dos alunos atendidos pela a escola depende do transporte escolar, devido à distância da escola até a localidade onde moram. A escola localiza-se num bairro histórico, ou seja, onde a cidade teve seu início, os moradores mantêm uma cultura tradicional, preservando suas origens. A escolaridade dos pais dos alunos varia do analfabetismo, ao curso superior sendo que, em sua maioria, possui o Ensino Fundamental incompleto, havendo um pequeno número de analfabetos.

A participação dos pais é satisfatória, participam de reuniões destinadas as discussões sobre interesse geral ou quando se trata exclusivamente de questões pedagógicas, ou seja, sobre o rendimento escolar dos filhos, dentre outros assuntos.

Inclusão educacional é um direito do aluno e requer mudanças na concepção e nas práticas de gestão, de sala de aula e de formação de professores, para efetivação do direito de todos á escolarização, portanto com a implantação das salas de recursos e disponibilização de recursos e de apoio pedagógico é que os alunos público alvo da educação especial estão matriculados no ensino especial, sendo onze alunos com deficiência intelectual, três com baixa visão com deficiência de aprendizagem, um com deficiência em linguagem, com apoio da professora da sala de recurso, onde constantemente busca ajudá-los dando suporte com materiais e estratégias de ensino, concomitante está o apoio dos familiares e do acompanhamento de especialistas, apenas com o apoio do SOE (Serviço de Orientação Educacional) e experiência dos professores.

A faixa etária dos alunos atendidos por este estabelecimento de ensino varia de 06 á 23 anos de idade (alunos com necessidades especiais), há alunos casados e uma minoria de alunos fora da faixa etária cursando o Ensino Fundamental, tem alunos adolescente que são trabalhadores devido á necessidade de complementação da renda familiar.

Na visão dos pais e segundo a pesquisa realizada, 25,5% acham a escola como o um todo ótima, 49% acham boa, 20,9% acham razoável e 4,6% com o insatisfatória.

Segundo os pais, alguns pontos definem uma escola de qualidade. Dentre eles são citados:

- Não haver discriminação de qualquer espécie;
- Participação ativa da comunidade no dia-a-dia da escola;
- Haver organização e professores motivados e comprometidos com a sua função;
- Materiais disponíveis ao processo de ensino-aprendizagem;
- Escola democrática;
- Boa estrutura física.

Muitos pais acreditam estar contribuindo para o bom andamento da escola da seguinte maneira:

- Participando dos encontros proporcionados pela escola;
- Dialogando com os filhos sobre a questão dos valores;

- Colocando-se á disposição para auxiliar nos eventos promovidos pela instituição;
- Auxiliando nas tarefas de casa.

3.4 Características socioculturais da comunidade envolvente

Para coletar as informações necessárias ao entendimento de como está estruturada a comunidade envolvente, procedeu-se aplicação de questionários de pesquisa com perguntas estruturadas com vinte e cinco famílias que possuem crianças estudando na escola supracitada, conforme os dados coletados essa comunidade está constituída da seguinte forma:

As famílias possuem em média de três a cinco filhos e destes a grande parte são crianças, 84% dos pais não possuem nem o Ensino Médio, sendo assim trabalhadores em sua grande maioria da construção civil e aqueles que não trabalham neste segmento são marceneiros, motoristas e empregados autônomos. Das famílias constituídas por pai e mãe como provedores do lar 70% das mães trabalham fora para ajudar no orçamento doméstico. 36% dessas famílias são dirigidas somente por mulheres que também em virtude da escolaridade trabalham em subempregos. Os resultados obtidos foram extraído do PPP da escola.

A comunidade conta ainda com um grande número de pais que aqui nasceram, casaram e constituíram famílias. O índice de desemprego embora não seja alto, 58% são cadastrados na Bolsa Família, PETI, CID (Centro Intensivo Domiciliar, programa do governo municipal), entre outros programas, sendo a única fonte de renda familiar.

Devido à falta de estrutura física os bairros não oferecem opções culturais e lazer como: campos de futebol, parques, praças, bibliotecas e eventos diversificados, e quando oferecem deixam a desejar em suas estruturas, dificultando assim o desenvolvimento cultural e a formação de hábitos saudáveis como: leitura, diálogo convivência social, ficando sujeitos à educação televisiva, dessa forma, muitos acabam se desviando para o caminho das drogas, prostituição e marginalidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Essa seção tem por objetivo apresentar a discussão e os breves resultados da pesquisa realizada na escola Municipal de Ariquemes no período de Fevereiro a Maio de 2014, que foi realizada com professora, coordenadora pedagógica, diretora e pais e ainda observação na sala do 3º ano “C” do Ensino Fundamental, no período vespertino.

4.1 Análise socioeconômica e cultural da comunidade escolar e envolvente

Pode-se dizer que a escola pesquisada está legalmente preparada para atender a clientela envolvida, no entanto, comporta uma equipe grandiosa que atende os anseios da comunidade escolar. Mas há um déficit na estrutura física e na disponibilidade de recursos para auxiliar as ações docentes durante a mediação do conhecimento dos educando.

Vale à pena ressaltar que para que haja uma aprendizagem significativa dos educandos, Vygotsky (1991, p.76) diz que, a interação do sujeito com o meio físico e social acarreta uma porção de conhecimento do mundo em que ela esta inserida. Com essa afirmação é correto alegar que como uma criança vai construir sua visão de mundo se seu contato está estritamente focado na sala de aula? De fato não. A criança precisa ter acesso a diversos tipos de ambientes educativos que garante sua construção de conhecimento, dos quais também oferecem suporte para o desenvolvimento físico e intelectual.

A ideia central de agregar a escola ao Programa Mais Educação, teoricamente é bem estruturado e perfeito, mas a realidade não condiz com a teoria quando o assunto é espaço físico e recursos pedagógicos. De fato o que acontece é a inserção do projeto nas escolas municipais de ensino, com voluntários que atendem essas crianças no segundo tempo e que recebem apenas uma bolsa transporte e alimentação de 300,00 reais por mês.

Pessoas em processo de formação acadêmica que busca fazer o seu trabalho da melhor maneira possível, mas que se desestimula pela cobrança dos administradores e a escassez de recursos pedagógicos para desenvolver suas atividades com os alunos. Isso prejudica não só a formação docente com pessoas em processo de formação que se desestimula com o sistema educacional, mas, os alunos também por se ver dez horas em um ambiente nada agradável.

De fato o Programa Mais Educação, soma muito com a educação das crianças, mas que fique claro que necessita de atendimento por parte governamental para garantir a educação de qualidade, pois profissionais inseridos, de fato, se entregam de corpo e alma as suas ações docentes.

Como explica Saviani (2001, p. 4) a relação entre educação e sociedade é essencial a garantir a construção de uma sociedade igualitária, afirma ainda que, “a educação concebe uma ampla margem de autonomia em face da sociedade”. Por isso seu papel é superar o fenômeno da marginalidade. Resumidamente é o que se propõe os governantes da atualidade, mas a escola depende muito mais do que palavras, necessita de recursos facilitadores entre outros. É visto que três décadas depois das lutas dos educadores por transformações políticas que garantisse um ensino de qualidade de forma unânime a sociedade brasileira, ainda é atual a luta por melhorias na qualidade de ensino e valorização do profissional.

Durante a coleta de dados da comunidade envolvida, ou seja, pais de alunos, os quais participaram da pesquisa e colaboraram com o trabalho, foi possível verificar que de forma unânime são famílias carentes e trabalhadoras, que apesar de viver em um bairro humilde da cidade enfatizam a necessidade de centros ou praças de esporte, cultura e lazer, não só para seus filhos, mas, a eles também.

Muitos são trabalhadores que formaram família sem terminar os estudos e que apesar de alguns estudarem em uma escola do bairro vizinho na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, nota-se a necessidade de projetos de reeducação social com o restante da comunidade, projetos que incentivam os estudos, a prática de esporte e cultura, e projetos que visam à preservação do meio ambiente e que de fato mudaria a estrutura física do bairro.

4.2 Análise da entrevista realizada com a diretora da escola

Durante a realização da entrevista com a diretora da escola pesquisada foi perguntada a mesma sobre qual era o seu nível de formação, a mesma respondeu que possui Ensino Superior e que já atua na educação há 17 anos, perguntou-se também de que forma o construtivismo está inserido no planejamento e qual a sua importância na prática pedagógica, a resposta obtida foi que está inserido dentro do Projeto Político Pedagógico, planejamento anual, semanal e em projetos pedagógicos. Indagou-se também se acredita que o desenvolvimento de ensino aprendizagem da criança deve partir daquilo que ela já conhece, a mesma relatou que sim, porque “é uma forma de valorizar o conhecimento que a criança traz do seu cotidiano e através deste introduzir novos conhecimentos”.

Em relação aos recursos utilizados para desenvolver o ensino aprendizagem a partir do método construtivista, a resposta obtida foi que:

A escola utiliza-se de confecção de jogos, produção de texto, atividades extraídas de livros, internet e coleções. Perguntei também se nesta instituição existe capacitação para os profissionais na área de alfabetização em relação à maneira de trabalhar o construtivismo em sala de aula, a

mesma relatou que essa capacitação é oferecida pela Secretaria Educação (SEM ED), e que através da capacitação que recebem, os professores aplicam em sala o aprendizado, tornando-se assim as aulas proveitosa e enriquecedor para o currículo.

Diante do exposto, fica visível que as respostas dadas pela diretora coincidem em parte com a teoria construtivista, por que como essa teoria relata que além desses requisitos citados acima faz se necessário a disponibilização de outros materiais que sejam favoráveis para o aprendizado das crianças, como por exemplo: gravuras grandes, coloridas e chamativas, história mudas, embalagens comerciais e rótulos para a criança manusear, despertando assim a sua atenção para ver letras e textos em seus diversos portadores. É necessário também em sala de aula reservar espaço de destaque para livros de literatura infantil com texto ou sem texto, exposto em lugar de fácil acesso para a criança poder interagir com esses materiais e despertar a curiosidade em relação o que está exposto e também despertar o interesse pela leitura.

4.3 Análise da entrevista realizada com coordenador da escola

Durante a entrevista foi realizado questionários a respeito da formação e do tempo de atuação e também a maneira de como está sendo trabalhado o construtivismo na escola, e qual a importância que o construtivismo traz para o aprendizado das crianças. A coordenadora pedagógica da escola pesquisada relatou que possui ensino superior e que atua na educação há quatro anos, já em relação ao construtivismo relatou que:

Acredita que toda criança ao chegar á escola, traz consigo algum conhecimento sobre a escrita, pois aprendem cognitivamente com que o meio lhe oferece; e para ler e escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido e que o construtivismo é uma tendência que se fundamenta na compreensão de que o ser humano constrói coisas com a finalidade de atender primeiramente as suas necessidades, é a partir deste processo que se percebe que viemos ao mundo com o objetivo de evoluirmos e transformamos tudo o que está a nossa volta. O conhecimento não está estagnado, pelo contrário está em constante transformação e movimento.

Diante ao exposto, fica claro que a coordenadora entrevistada está bem familiarizada com que o construtivismo demanda, porém, relatou que na teoria o construtivismo funciona, já em relação à prática aplicada na escola não funciona devido a escola estar localizada num bairro de periferia e também pelo fato de não existir a participação dos pais no aprendizado dos filhos, o que acaba ocasionando uma defasagem no processo de ensino-aprendizagem dos alunos devido os mesmos não terem uma família bem estruturada por que muitos desses alunos são criados por pais que são separados, outros até mesmo criados pelos avós e tios, o

que acaba gerando um agravante na aprendizagem dos alunos, mas que fica bem claro que é dever do professor desenvolver o processo de aprendizagem do aluno não importa qual seja a dificuldade que esses alunos possui, ou seja, o professor é que deve criar mecanismo para que os alunos aprendam, suprimindo assim as suas dificuldades de aprendizagens e proporcionando um ensino de qualidade.

Quando perguntou-se sobre a maneira de como é realizado o planejamento para estar sendo trabalhado em sala, relatou que:

O planejamento é realizado de forma processual e dentro da realidade de conhecimento de cada ano/série, com base na matriz curricular e dentro de todas as expectativas previstas. O mesmo só é realizado após o professor ter em mãos todos os diagnósticos de cada aluno. No calendário anual da escola existe dias previstos para a realização do mesmo, onde os professores juntamente com a coordenação pedagógica, com apoio de vários instrumentos de apoio, tais como:

PPP da escola, PDE, matriz curricular, livros didáticos e paradidáticos, realizam a construção do mesmo. Trabalhamos no nosso planejamento anual dentro das modalidades organizativas (Atividades permanentes, sequências didáticas e projetos didáticos). Quanto à contribuição que o construtivismo traz para o aprendizado da criança relatou que acredita que pela concepção construtivista o professor deve criar contexto, conceber e desafiar os alunos para que a aprendizagem ocorra. Para que haja o avanço dos alunos, o docente precisa tomar muitas decisões, entre elas considerar demandas da turma, propor questões e desafios e pensar formas de promover ações que gerem aprendizado. O professor deve dominar sua área e conhecer os processos pelos quais o aluno aprende os mais diferentes conteúdos.

Com base no que foi exposto acima, fica claro que a coordenadora em relação a prática de ensino do professor está bem fundamentada no que diz a teoria construtivista em relação a prática de sala de aula, ou seja, a mesma valoriza sempre o conhecimento prévio do aluno e visa sempre o aperfeiçoamento do professor em relação a sua prática de ensino. Com base na concepção de Paulo Freire sobre a valorização do conhecimento prévio fica claro que, “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” e que o professor não é melhor que o aluno. Embora apresente e domine conteúdos que o estudante ainda não possui, não é superior, mas juntamente com o aluno, faz parte do processo ensino aprendizagem e ambos atuam juntos na construção do saber.

Todas as crianças quando chegam aos espaços escolares dominam alguns conhecimentos sobre determinados assuntos que serão tratados em sala pela professora, ou seja, isso significa que as crianças não vêm para a escola sem nenhuma noção sobre os conteúdos que serão trabalhados. Assim, os assuntos relacionados às matérias dos currículos podem ser adquiridos pelas crianças através do relacionamento diário, vivendo em sociedade.

Por isso é importante analisar como os professores trabalham com essas questões relativas aos conhecimentos prévios em sala de aula, para que a aprendizagem das crianças seja significativa.

Segundo a diretora, no tocante a formação dos professores, a Secretaria Municipal de Educação oferece cursos de formação continuada “Além das letras e Além dos números” um programa que visa focalizar a leitura e a escrita e as operações básicas da matemática dos alunos de acordo com o ciclo de alfabetização em uma perspectiva construtivista, porém é muito superficial, porque enfatiza muito a ação do professor de forma a mediar a construção de conhecimento do educando e deixa a desejar em uma formação teórica sobre essa teoria e os níveis de aprendizagem dos alunos.

A diretora ainda esclareceu que o professor faz o diagnóstico dos educando e a Coordenadora faz a correção para saber em que nível de conhecimento cada aluno se encontra. Segundo a mesma, muitos professores não sabem nem o que é o construtivismo, e há equívocos se é uma teoria ou um método e, apesar de obter um conhecimento abstrato sobre o construtivismo, por muitas vezes entender que “a criança constrói seu próprio conhecimento”, busca um método de ensino para ensinar sem se dar conta de que não há um método pronto para o construtivismo e sim adequações da perspectiva construtivista em um método já conceituado por ele.

4.4 Análise da entrevista realizada com a professora pesquisada

Por meio da coleta de dados constatou-se que a professora entrevistado, atua na educação há 14 anos e que em relação ao construtivismo a mesma relatou que:

É de suma importância trabalhar a partir do que a criança já sabe, para que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem, por que através disso o caminho se torna mais curto, visando que ela já traz uma bagagem de conhecimentos e com isso deve se valorizar os conhecimentos prévios que os mesmo já possui, para que isto aconteça o planejamento é feito de acordo com a hipótese em que cada aluno se encontra respeitando e valorizando a capacidade de cada um. Quando indagado sobre a dificuldade de trabalhar o construtivismo em sala a mesma relatou que uma das maiores dificuldades não é dentro da sala de aula, e sim alguns pais devido o método em que foram alfabetizados (tradicional). E também relatou que Trabalha de forma em que as atividades abrangem todos os níveis de aprendizagem, de forma que cada um avance dentro da hipótese em que se encontra, diz também da importância de valorizar os conhecimentos que os alunos trazem para que os mesmos se sintam parte do processo ensino aprendizagem e com isso, tudo se torna mais interessante. Relatou que é muito importante alfabetizar letrando. No processo de alfabetização o aluno aprende a ler e escrever, mas

letrar é preparar o cidadão para o mundo. Isso acontece de forma que a realidade do aluno faz parte dos acontecimentos.

Com base no que foi exposto acima, pelo menos no discurso, fica claro que a professora entrevistada trabalha de acordo com que a teoria construtivista propõe, ou seja, de acordo com Emília Ferreira (1990). O professor alfabetizador precisa dominar esse conhecimento para poder respeitar as etapas do desenvolvimento dos alunos, e também é preciso saber avaliá-los, propor atividades desafiadoras para fazer com que os alunos avancem e mudem de hipótese.

No primeiro momento foi pertinente indagar sobre a importância da teoria construtivista no processo de alfabetização e suas contribuições na maturação da criança durante o processo de alfabetização. A maioria enfatizou que é de suma importância para o amadurecimento da criança. A resposta obtida está relacionada com a perspectiva construtivista, acredita-se que isso deva ser por influência do modelo construtivista que a escola propõe.

Em relação a esta teoria no que diz respeito sobre a importância de se ensinar as crianças a partir daquilo que elas já conhecem, os mesmos acreditam que toda criança ao chegar à escola, traz consigo algum conhecimento sobre a escrita, pois aprendem cognitivamente com que o meio lhe oferece; e para ler e escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido, ou seja, o construtivismo é uma tendência que se fundamenta na compreensão de que o ser humano constrói coisas com a finalidade de atender primeiramente as suas necessidades, é a partir deste processo que se percebe que viemos ao mundo com o objetivo de evoluirmos e transformamos tudo o que está a nossa volta. O conhecimento não está estagnado, pelo contrário está em constante transformação e movimento.

Desta forma entende-se que a criança é quem, mas encontra-se em processo de acomodação e desacomodação, em curto espaço de tempo, percebe-se pela inquietação constante delas através de suas perguntas e formas de interação com os objetos que estão à sua volta, a prova disso é o computador que já são ferramentas tecnológicas utilizadas por crianças de idades ainda de pré-escola, por volta de 4 a 5 anos de idade que já sabem fazer uso deste equipamento, que para muitos adultos ainda é como um objeto estranho e de difícil manuseio, mas que para as crianças que tem acesso a este equipamento é como se fosse um brinquedo como o qual quer outro.

A partir do pressuposto acima, deve-se respeitar não só a idade da criança, mas principalmente a maturação em que ela se encontre, para que a sua aprendizagem seja de fato internalizada. A escola é na verdade um dos melhores espaços para que as crianças possam ampliar os seus conhecimentos, adquirir novos e compartilhar os seus.

Esta diversidade social e cultural é o que torna rico o espaço escolar, é com a vivência da criança em sua comunidade de origem, na qual está a família, amigos e vizinhos que a criança fará parte de todo o processo na construção e formação da sua identidade.

Portanto com a inserção da criança na escola, ela terá a sua identidade compartilhada com os demais colegas, tornando-a reconhecida, respeitada, valorizada e segura de quem ela realmente é por fazer parte de uma comunidade escolar que a reconhece como sendo um membro importante na construção dos saberes, no qual este saber será aplicado em seu convívio social dentro e fora do espaço escolar.

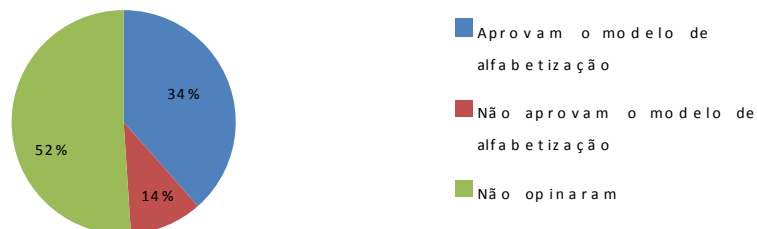
Quando perguntado sobre as dificuldades de trabalhar o construtivismo em sala a professora relatou que uma das maiores dificuldades não é dentro da sala de aula, e sim alguns pais devido o método em que foram alfabetizados (tradicional) e também devido à superlotação nas salas e a indisciplina dos alunos. Para que fosse possível chegar a essa conclusão foi aplicado um questionário a comunidade envolvente em relação a aprovação ou não do modelo de alfabetização construtivista, os mesmos relataram que, a alfabetização é uma das etapas do ensino fundamental em que a maioria dos professores não gosta de atuar, ensinar a ler e escrever é uma tarefa difícil, precisa ter muita dedicação por parte do professor.

O professor inicia-se o processo de alfabetização com as crianças que muitas vezes não sabem nem ao menos pegar no lápis corretamente, além da questão de socialização, adaptação que eles têm muitas dificuldades para enfrentar neste primeiro momento. Para muitos desses alunos a escola é o primeiro lugar onde encontram novos amigos, além de sair um pouco da rotina de casa.

Conforme o gráfico 1 os resultados obtidos através da pesquisa foi.

Gráfico 1: Demonstrativo da visão da comunidade no que diz respeito á alfabetização construtivista.

**Demonstrativo da visão da
comunidade no que diz respeito á
alfabetização construtivista**



Fonte: Projeto Político-Pedagógico da E.M.E.F. Aldemir Lima Cantanhede

Como o resultado da pesquisa nesta comunidade, no que diz respeito á aprovação ou não o modelo de alfabetização adotado pela escola foi da seguinte forma: 34% dos entrevistados aprovam o trabalho pedagógico da escola com relação ao modelo de alfabetização, acreditam que essa é uma boa forma de trabalhar. Segundo os entrevistados os alunos aprendem com mais facilidade, ou seja, o ensino não é voltado para a memorização, além disso, o ensino torna-se mais dinâmico nesse tipo de alfabetização. Porém 14% acham essa forma de trabalhar ruim, pois segundo eles, as crianças demoram mais a aprender e têm mais dificuldades de leitura, é mais difícil para ensinar. 52% não quiseram opinar sobre o assunto. Acredita-se que as pessoas que não opinaram entre os pais que não tem filhos na alfabetização, por isso não opinaram.

De acordo com os resultados da pesquisa a tendência tradicional de alfabetizar é muito forte nessa comunidade, por que a maioria dos entrevistados com idades superiores á 20 anos foram alfabetizados nesta tendência, usando o método de silabação e memorização, pois o recurso pedagógico mais utilizado nas salas era a cartilha.

4.5 Observação no 3º ano do Ensino Fundamental

A observação aconteceu em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, a mesma da professora entrevistada, contendo 30 alunos matriculados. Sendo que esta observação foi realizada mediante a autorização da professora, onde observou-se a organização do ambiente na sala de aula e os recursos utilizados sendo que, a professora utiliza jogos, cartazes com registro de frequências, exposição dos trabalhos dos alunos, usa também formas variadas de

organização das carteiras na sala, trabalha com texto conhecidos como: parlendas, trava línguas, adivinhas, músicas e, é bastante criativa.

A professora utiliza da proposta construtivista, pois procura entender a alfabetização como compreensão dos meios que a criança utiliza para representar a construção do seu conhecimento sobre a língua escrita, uma das possibilidades da ação docente que a professora utiliza na orientação do processo da aquisição da base alfabética do sistema de escrita é a sondagem, pois este recurso permite identificar quais hipóteses as crianças tem acerca do funcionamento da língua escrita. Esta sondagem da escrita ou diagnóstico, como também foi falado sobre a psicogênese da língua escrita, permite ao professor atuar como o mediador no processo ensino aprendizagem e fornecer pistas para que o aprendiz possa torna-se alfabético. Sendo também que estes recursos possibilitam o professor identificar as diferentes hipóteses que as crianças passam durante o processo de alfabetização.

A professora também realiza o diagnóstico para identificar qual o nível de conhecimento que a criança possui em relação à escrita, para que isto aconteça à mesma faz o ditado de quatro palavras sendo uma polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e por último uma monossílaba, feito isto a professora realiza o ditado de uma frase do mesmo grupo semântico, através deste recurso é possível identificar se os mesmos evoluíram ou regrediram nas hipóteses.

ESCOLA ALDEMIR LIMA CANTANHEDE
 PROFESSORA: REISI TURMA: 3 TURNO: V ANO: 2014
 ALUNO: KRAZIELLY DATA 05/02/2014

1º DIAGNÓSTICO DE ESCRITA

1. MACARÃO NA DO
2. FRANGO ASSADO
3. SALADA DE FRUTAS
4. ARROZ
5. FRANGO LIZADO
6. CARNE ASSADA
7. PÃO



FRASE:

CARNE ASSADA É MUITO GOSTOSA
COM GORDURA.

"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa". (Emília Ferreiro).

ESCOLA _____
 PROFESSORA: _____ TURMA: _____ TURNO: _____ ANO: _____
 ALUNO: KELLY DATA: ____/____/____

1º DIAGNÓSTICO DE ESCRITA

SCV.S.C.

- 1- AEIA - CANETINHA
- 2- DA BORRACHA
- 3- AO AO APONTADOR
- 4- DA MOCHILA
- 5- CANO CADERNO
- 6- DA COLA
- 7- GIZ



FRASE:

A DA BARRA DO XO
 A COLA DEBARRA NA MOCHILA

"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa". (Emília Ferreira).

Escola Aldemir Lima Cantanhede

Diagnóstico

Nome: KELLEN

Ano: 3º C

Professor: Roseli

Data: 16/07/2014

x A I A C A → arquibancada

x U D O → FUTEBOL

x O E I O → goleiro

+ A I E → Trave

+ O A → BOLA

+ U I → Juiz

+ O → Gol

QUE O

FULECO

EAU

torcedor

F U

E

um

A U

TATU



RUMO AO HEXA!!!

ESCOLA ALDEMIR L. CANTANHEDE
 PROFESSORA: Roseli TURMA: C TURNO: V ANO: 3º
 ALUNO: Ryan DATA 10/2/2014

1º DIAGNÓSTICO DE ESCRITA

S.S.V.S.C.

- 1- CABO CANETINHA
- 2- MOCHILA ADONATADOR
- 3- NOVO CADERNO
- 4- MOCHILA
- 5- BORRACHA
- 6- COLA
- 7- GIZ



FRASE:

AS BORRACHA A COLA DERAMOU DENTRO
DA MOCHILA

"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pense". (Emília Ferreiro).

Escola Aldemir Lima Cantanhede

Diagnóstico

Nome: RAAN

Ano: 3º C

Professor: Rosi

Data: 16/07/2014

* A B C D - arquibancada

* F T O → Futebol

* O E I O → Goleiro

* T A V → Trave

* Q U A → (Grave) Bola

* P I → Juiz

* O → Gol

* U E U → FULW
 F O T EGO
 ↓ ↓
 E muito Legal.



RUMO AO HEXA!!!

Escola Aldemir Lima Cantanhede
Hipóteses de Aprendizagem
3º Ano C

DIAGNÓSTICO	INICIAL	1º BIMESTRE	2º BIMESTRE	3º BIMESTRE, 4º BIMESTRE
Adrian	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Alessandra	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Ana Clara	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Carlos Henrique	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Carlos Henrique Moreira	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Crislaine	Alfabético	Alfabético	Sil. Alfabética	
Daiane	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Daniele	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Felipe	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Grazielly	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Graziely	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Icaro	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Jackeline	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
José Victor	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Júlio César	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Kellen Vitória	S.C.V.S.C	S.C.V.S.C	S.C.V.S.C	
Kellen Vitória	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Letícia	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Luan	S.S.V.S.C	S.S.V.S.C	S.C.V.S.C	
Lucas Barbosa	S.S.V.S.C	S.C.V.S.C	S.C.V.S.C	
Nathália	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Pedro Eduardo	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Renanderson	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Ryan Muniz	S.S.V.S.C	S.S.V.S.C	S.C.V.S.C	
Tábata	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Vinicius	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Wemerson	Alfabético	Alfabético	Alfabético	
Willian		Alfabético	Alfabético	
Dionatan		Alfabético	Alfabético	
Gabriel			Alfabético	
Wagner			Alfabético	
Isice				

Através da observação em sala de aula pode-se perceber que a maneira como a professora entrevistada trabalha condiz com o que a proposta construtivista propõe, porque a mesma trabalha sempre com intuito de fazer com que as crianças avancem na construção do seu conhecimento. Os acima apresentados com o nome dos alunos são nomes fictícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, percebe-se que ainda existem muitas discussões com relação aos métodos de alfabetização. E, mais acirrada ainda, fica a discussão quando se trata de desmetodização deste processo, em todos os seus segmentos existentes.

Como visto no decorrer deste trabalho, o construtivismo não é algo novo. Desde tempos mais remotos procura-se um método que possa resolver os problemas com relação à alfabetização. Contudo, destaca-se que se existir uma força de mudança na atuação, com projeto de um futuro melhor para os educando em relação à alfabetização e aprendizado devem-se primeiramente deixar de lado as resistências e desconsiderar as complexidades dos problemas que a alfabetização atravessa. Assim, ocorrerá uma ruptura para que aconteçam avanços necessários para o campo do conhecimento.

A proposta construtivista é uma maneira de melhorar o letramento e alfabetização dos educando de poder incentivá-los na busca do seu próprio conhecimento, ou seja, deixar que ele mesmo encontre alternativas para o que está achando difícil, desde que com isso, o professor faça as intervenções necessárias para que estes alunos possam desenvolver o processo de ensino aprendizagem com êxito.

Dessa forma, aprenderá a construir suas próprias opiniões, de modo que futuramente os ajudará como ser e como ser e como cidadãos capazes de enfrentar qualquer adversidade.

Recomenda-se aos profissionais que estão ou pretendem adotar a proposta construtivista para procurar o aperfeiçoamento para melhorar seus conhecimentos, ou seja, é necessário ter mente e atitude investigativa, com desprendimento intelectual, com senso de criticidade apurado e, o mais importante, que sejam sensível às mudanças para que se tornem significativas, com o também possam gerar resultados visíveis e palpáveis. É necessário que os profissionais entreguem-se ao processo de mudança de forma contínua e que estes venham adequar-se cada vez mais dentro da proposta.

Renovem-se de tempo em tempo e assim aconteça a sustentação da relação entre educador e educando, não no que diz respeito à autoridade ou algo neste segmento, mas sim de qualidade.

Para finalizar, recomendam-se aos profissionais que se aprofundem em pesquisas, estudos, relatos, casos visíveis e que leve em conta a diversidade de melhorias que apresenta a proposta construtivista, para si e para educando em si.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria das Graças. **Construtivismo**: de Piaget a Emília Ferreiro, 4. São Paulo: Ática, 2000.

BOM TEMPO, Luzia. **Alfabetização com sucesso na sala de aula**. Belo Horizonte. Ed. da Autora, 2002.

FANCISCO Filho, Geraldo. **História geral da educação**. Campinas. São Paulo: Editora Alínea, 2ª ed. 2005.

FERREIRO, Emília; Teberosky, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, (1990).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 2005.

GADNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**, 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Piaget, Jean; Vygotsky, Lev Semionovitch. **Novas Contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1981.

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e Mudança** – 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**, ed. 36, São Paulo: Autores Associados, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**, Ed. 22. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização *in* **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, (a2): 19-24, 1985.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

A P E N D I C E S**A P E N D I C E A - R O T E R I O D E E N T R E V I S T A (D i r e t o r)****A P E N D I C E B - R O T E R I O D E E N T R E V I S T A (O r i e n t a d o r)****A P E N D I C E C - R O T E R I O D E E N T R E V I S T A (P r o f e s s o r)**

APENDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA (Diretor)

1) Qual o seu nível de formação?

() Magistério () Superior () Em formação

2) A quanto tempo de formação: _____

3) A quanto tempo de atuação: _____

4) De que forma o construtivismo está inserindo no planejamento e qual a importância possui na prática pedagógica?

5) Qual orientação você dá aos seus professores neste sentido?

6) De que forma os objetivos são previamente analisados e discutidos? Com qual intuito?

7) Você acredita que o desenvolvimento de ensino-aprendizagem da criança deve partir daquilo que ela já conhece? Por que.

() Sim () Não () Parcialmente

9) Existe materiais disponíveis na escola para se trabalhar a alfabetização a partir do método construtivismo com as crianças? Relacione quais são.

() Sim () Não () Parcialmente

10) Geralmente quais são os recursos que vocês utilizam para desenvolver o ensino-aprendizagem a partir do método construtivista nesta instituição?

14) Na instituição de ensino existe capacitação para os profissionais na área da alfabetização em relação a maneira de se trabalhar o processo de alfabetização e letramento a partir do método construtivista? Como que funciona essa capacitação ela é proveitosa.

APENDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (coordenador)

1) Qual o seu nível de formação?

() Magistério () Superior () Em formação

2) A quanto tempo de formação:-----

3) A quanto tempo de atuação:-----

4) Na sua opinião é importante que o professor desenvolva a sua prática de ensino em relação a alfabetização a partir daquilo que a criança já conhece, visando com isso o desenvolvimento de sua aprendizagem? Por que.

() Sim () Não () Parcialmente

5) Você considera importante a prática do construtivismo nas escolas? Por que.

6) De que forma é realizado o planejamento para estar sendo trabalhado em sala de aula o construtivismo?

9) Existe materiais disponíveis na escola para se trabalhar a alfabetização a partir do método construtivismo com as crianças? Relacione quais são.

() Sim () Não () Parcialmente

 10) Geralmente quais são os recursos que vocês utilizam para desenvolver o ensino-aprendizagem a partir do método construtivista nesta instituição?

 11) Em sua opinião trabalhar o método construtivista em sala de aula em relação a alfabetização e letramento traz alguma contribuição para o rendimento escolar do aluno? Como.

 12) Na instituição de ensino existe capacitação para os profissionais na área da alfabetização em relação a maneira de se trabalhar o processo de alfabetização e letramento a partir do método construtivista? Como que funciona essa capacitação ela é proveitosa.

APENDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA (Professor)

1) Qual o seu nível de formação?

() Magistério (x) Superior () Em formação

2) A quanto tempo de formação: 14 anos de formação

3) A quanto tempo de atuação: 15 anos de atuação

4) Na sua opinião é importante desenvolver a aprendizagem da criança a partir daquilo que ela já conhece? Por que.

(x) Sim () Não () Parcialmente

Por que trabalhando a realidade da criança será mais fácil de assimilar a escrita.

5) Você considera importante trabalhar o método construtivista em relação a alfabetização e o letramento a partir daquilo que a criança já conhece, visando com isso o desenvolvimento de ensino-aprendizagem de seus alunos? Por que ?

6) De que forma é realizado o planejamento para estar sendo trabalhado em sala de aula o construtivismo?

7) Quais são os recursos que você utiliza para enriquecer suas aulas a partir do método construtivista, visando com isso o real desenvolvimento de ensino-aprendizagem de seus alunos em relação a alfabetização?

() Sim () Não () Parcialmente

8) Quais as dificuldades que são enfrentadas dentro da sala de aula para trabalhar o método construtivista? -----

9) Existem materiais disponíveis na escola para se trabalhar com as crianças a partir do método construtivista? Relacione quais são.

() Sim () Não () Parcialmente

10) Em relação a sua prática pedagógica como você trabalha o processo de alfabetização e letramento dentro da abordagem construtivista?

11) De que forma você relaciona a sua prática pedagógica em relação ao método construtivista?

12) Em suas observações o método construtivista contribui com o rendimento escolar do aluno? Como.

13) Dentro de suas observações em sala de aula me diz qual a importância de alfabetizar e letrar dentro do método construtivista e o que esse método pode proporcionar ao rendimento escolar dos seus alunos para que ocorra o desenvolvimento de ensino-aprendizagem com êxito? De que forma isso acontece.

14) Na instituição de ensino existe capacitação para os profissionais em relação ao método construtivista? Como que funciona essa capacitação ela é proveitosa.

